

[O meu nome é Lucy Barton] [Elisabeth Strout]

[Elisabeth Strout] Biografia:



Romancista nascida em 1956 em Portland, nos Estados Unidos da América, é uma das romancistas americanas mais aclamadas da actualidade.

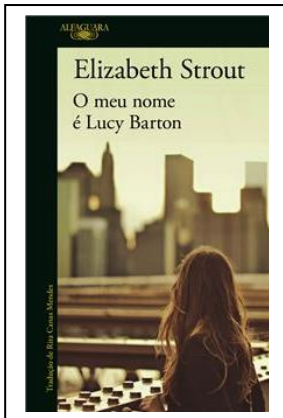
Além do sucesso mundial que obteve com o romance *Olive Kitteridge*, que lhe valeu um prémio Pulitzer, recebeu ainda o Los Angeles Times Art Seidenbaum Award e o Chicago Tribune Heartland Prize pelo seu romance de estreia, *Amy and Isabelle*.

Foi também finalista dos prémios PEN/Faulkner Award, Orange Prize e International Dublin Literary Award, no Reino Unido.

Os seus textos têm sido divulgados em várias publicações periódicas, incluindo a *The New Yorker*.

Na Alfaguara estão publicados *O meu nome é Lucy Barton*, finalista do Booker Prize, *Tudo é possível*, vencedor do Story Prize, e *Olive Kitteridge*, vencedor do Pulitzer Prize e finalista do National Book Critics Award. *Olive Kitteridge* foi adaptado a uma série de televisão vencedora de um Emmy.

Sinopse de [O meu nome é Lucy Barton]



Lucy Barton está numa cama de hospital, a recuperar lentamente de uma cirurgia que deveria ter sido simples. As visitas do marido e das filhas são escassas e pouco aproveitadas por Lucy. A monotonia dos dias de hospital é quebrada pela inesperada visita da mãe, que fica cinco dias sentada à sua cabeceira. Mãe e filha já não se falavam há anos, tantos quantos os que Lucy passou sem visitar a casa onde cresceu e os que a mãe passou sem a visitar em Nova Iorque, nem sequer para conhecer as netas.

Reunidas, as duas trocam novidades e cochichos sobre os vizinhos de infância de Lucy, mas por baixo da superfície plácida da conversa de circunstância pulsam a tensão e a carência que marcaram a vida de Lucy: a infância de pobreza e privação no Illinois, a vontade de ser escritora e a desconfortável sensação de não pertencer a lado nenhum, a fuga para Nova Iorque e a desintegração silenciosa do casamento, apesar da presença luminosa das filhas. Com um passado que ainda a atormenta e o presente em risco iminente de implosão, Lucy Barton tem de focar para ver mais longe e para voltar a pôr-se de pé.

Mais do que uma história de mãe e filha, este é um romance sobre as distâncias por vezes insuperáveis entre pessoas que deveriam estar próximas, sobre o peso dos não-ditos no seio das relações mais íntimas e sobre a solidão que todos sentimos alguma vez na vida. A entrelaçar esta narrativa está a voz da própria Lucy: tão observadora, sábia e profundamente humana como a da escritora que lhe dá forma.



Um guia útil para ler os livros de Lucy Barton, de Elizabeth Strout

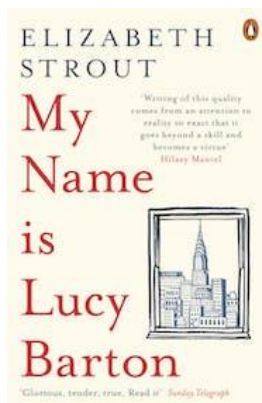
Saiba mais sobre os livros de Lucy Barton, de Elizabeth Strout, em homenagem à sua indicação ao prémio Booker por *Oh William!* Saiba mais sobre a série e a ordem em que recomendamos a leitura dos quatro livros.

Oh, Guilherme! de [Elizabeth Strout](#) acaba de entrar na lista do [The Booker Prize 2022](#), tornando-o o momento perfeito para visitar a tão amada série Lucy Barton. O terceiro livro da programação, *Oh William!* é uma continuação fabulosa do personagem memorável de Strout, servindo como mais uma reflexão comovente sobre a vida, o amor e a passagem do tempo.

Se você ainda não leu nada de Elizabeth Strout, tome isso como um sinal para fazê-lo logo. Além deste último reconhecimento, a autora também teve títulos selecionados para o Women's Prize for Fiction (anteriormente conhecido como Orange Prize), o PEN/Faulkner Award, entrou para a lista dos mais vendidos do New York Times e ganhou o prêmio *Pulitzer*.

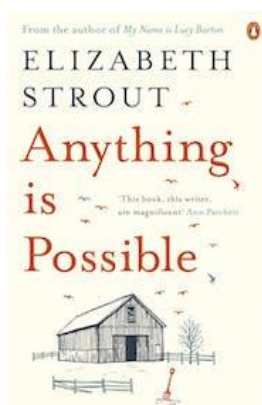
Seus elogios falam por si e, embora você não possa errar com nenhum dos romances de Strout, compilamos um guia de leitura para familiarizá-lo com *Oh William!* e os livros de Lucy Barton que o precedem.

Um guia de leitura para Lucy Barton Books de Elizabeth Strout



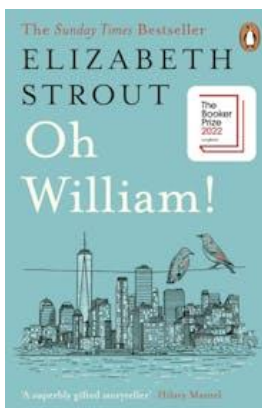
[Meu nome é Lucy Barton](#)

[Meu nome é Lucy Barton](#) é uma história comovente sobre mães, filhas e a complexidade da vida familiar. Quando uma mãe visita a filha no hospital, depois de muitos anos separados, a sua visita inesperada obriga Lucy a enfrentar o seu passado enterrado, derrubando a fachada da sua brilhante vida em Nova Iorque. Da cama de hospital de Lucy, os leitores são atraídos pela história desta família e pelas memórias que os unem.



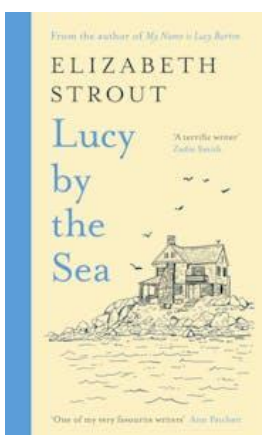
[Tudo é possível](#)

Seguindo *My Name Is Lucy Barton*, [Anything is Possible](#) conta a história de Lucy retornando para sua cidade natal, na zona rural de Amgash, Illinois. Após dezessete anos de ausência, Lucy finalmente visita os irmãos que deixou para trás. Aprofundando os laços familiares explorados no primeiro livro, esta sequência destaca os temas de esperança e reconciliação que Strout tão bem retrata.



[Oh, William!](#)

O terceiro livro da série – e título longlist do prêmio Booker 2022 – [Oh William!](#) conta a história da segunda metade da vida de Lucy Barton. Agora navegando pelo mundo como uma viúva recente e mãe de filhas adultas, Lucy parece estar vivendo uma existência totalmente nova até que um encontro surpresa com seu primeiro marido, William, reconecta o casal. Relembrando o relacionamento de toda a vida, Strout tece um retrato de uma parceria de décadas que mais uma vez reflete sobre o profundo mistério da existência.

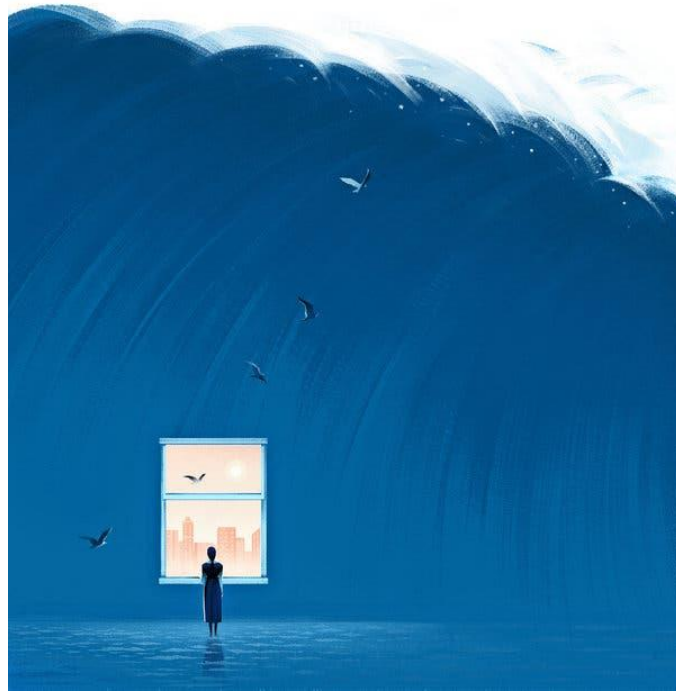


[Lucy à beira-mar](#)

Lançado em outubro de 2022, [Lucy by the Sea](#) é uma história rica em empatia e clareza abrasadora. Quando o ex-marido de Lucy, William, implora que ela fuja de Nova York para uma casa costeira no Maine, ela relutantemente concorda com a expectativa de que estará fora apenas por uma ou duas semanas. À medida que as semanas se transformam em meses, Lucy e William enfrentam o seu passado complexo juntos numa pequena casa situada junto ao mar.

'Meu nome é Lucy Barton', de Elizabeth Strout

New York Times, Por Claire Messud, 4 de janeiro de 2016



Um dos mitos mais duradouros desta nação é que as origens sociais não importam. Cada um de nós é Gatsby, ou pode ser, com potencial para ser reinventado e destruir o passado. Em nenhum lugar isto é mais verdadeiro do que na cidade de Nova Iorque, onde, rodeado por milhões de pessoas, cada pessoa supostamente defende os seus próprios méritos. Se chegarmos a um consenso urbano sofisticado sobre como falar, como se vestir, como viver, então quem saberá o que está por baixo da superfície? Quem saberá o que qualquer um de nós pode realmente querer dizer com palavras como “lar”, “infância” ou “amor”?

Elizabeth Strout é uma escritora que não tem medo de silêncios, sua visão do mundo setentrional, protestante e duro. “Olive Kitteridge”, sua coleção de histórias interligadas ganhadora do Prêmio Pulitzer, dá vida a uma mulher ao mesmo tempo feroz e frustrada, prejudicada em suas paixões ao mesmo tempo pela raiva e pelo senso de propriedade. A narradora do novo romance poderoso e melancólico de Strout, “My Name Is Lucy Barton”, pode ser uma parente distante de Olive, embora ela tenha sido criada na pobreza fora da pequena cidade de Amgash, Illinois, e não no Maine, e sua vida adulta A casa, onde se passa a maior parte do romance, fica em Manhattan.

Lucy é uma escritora - as palavras são a sua vocação - e ainda assim ela, como Olive, paira no limite do dizível, tentando articular experiências que nunca existiram e, sem a força de sua vontade, nunca poderiam ser expressas. Ela diz que decidiu ser escritora na terceira série depois de ler sobre uma garota chamada Tilly, “que era estranha e pouco atraente porque era suja e pobre”. Os livros “trouxeram-me coisas”, explica ela. “Eles me fizeram sentir menos sozinho. Este é o meu ponto. E pensei: vou escrever e as pessoas não vão se sentir tão sozinhas!”

A história de Lucy Barton é, de forma significativa, sobre a solidão, sobre o isolamento de um indivíduo quando o seu passado – tudo o que o formou – é invisível e incomunicável para aqueles que o rodeiam. Como a fictícia Tilly, ela passou por uma infância difícil, rejeitada até mesmo por seus colegas de classe Amgash, vivendo em um mundo incompreensível para seus amigos adultos em Nova York. A família não só tinha pouco calor e pouca comida, como também não tinha livros, revistas e televisão: havia muita coisa para Lucy pôr em dia.

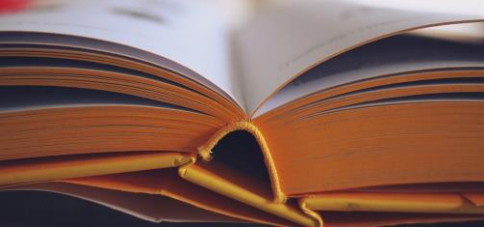
A dela também é, porém, uma história de amor simples, sobre o amor inquestionável e quase animal de uma menina por sua mãe, e o amor de sua mãe em troca; sobre como o que é invisível e incomunicável não é apenas o que isola, mas também o que vincula.



Elizabeth Strout - Leonardo Cendamo

O relato de Lucy, contado muitos anos depois, registra principalmente uma visita de cinco dias de sua mãe, quando Lucy foi hospitalizada com uma infecção misteriosa por quase nove semanas em Nova York, em meados da década de 1980. Na época, Lucy tinha marido e duas filhas pequenas, de 5 e 6 anos, mas estava bastante afastada dos pais desde o casamento. Ficamos sabendo que seu pai – um veterano da Segunda Guerra Mundial cujas agonias e agressões permanecem um tanto oblíquas, mas que seria descrito na linguagem tradicional como tendo tido uma “guerra ruim” – não suporta o fato de que o marido de Lucy é de origem alemã, com “aparência loira alemã” para combinar.

Durante a estadia inesperada da mãe de Lucy, a mulher mais velha permanece no quarto do hospital com a filha, tirando apenas sonecas ocasionais. (“Você aprende a fazer isso quando não se sente segura”, observa ela, fazendo Lucy refletir: “Sei muito pouco sobre a infância da minha mãe.”) Eles passam o tempo inventando apelidos para as enfermeiras e fofocando alegremente sobre o destino de algumas meninas e mulheres de Amgash que Lucy conheceu em sua juventude: a esnobe Kathie Nicely, que se apaixonou por um professor (que se revelou gay) e depois foi rejeitada pelo marido e pelas filhas; a prima Harriet, que “teve muita má sorte com o casamento” e foi deixada para criar os filhos como uma jovem viúva empobrecida; Marilyn Alguém, casada com um homem que foi enviado quase imediatamente para lutar no Vietnã, “teve que fazer coisas terríveis e. . . ele nunca mais foi o mesmo”; ou Mary Mumford, também



conhecida como Mississippi Mary, que se casou bem e parecia ter tudo, mas ao descobrir o caso de longa data do marido com a secretária, sofreu um ataque cardíaco.

Ao discutir essas narrativas, eles circulam em torno de assuntos que não podem abordar abertamente. Eles não falam sobre os episódios do pai de Lucy, “o que quando criança eu chamava - para mim mesmo - de Coisa, significando um incidente em que meu pai ficou muito ansioso e sem controle de si mesmo”; ou sobre o fato de os pais de Lucy baterem nos filhos “de forma impulsiva e vigorosa”; ou sobre seu terror de ficar trancada na caminhonete do pai e seu horror ao ouvir a palavra “cobra”. Eles não discutem por que o irmão de Lucy ainda mora em casa e lê livros infantis, ou por que “ele vai para o celeiro dos Pederson e dorme ao lado dos porcos que serão levados para o abate”. E, acima de tudo, não falam da vida atual de Lucy em Nova York, das histórias que ela publicou ou de sua jovem família e novos amigos.

Lucy, emocionada simplesmente pela presença da mãe — “Fiquei tão feliz. Ah, fiquei feliz falando com minha mãe dessa maneira!” -, pelo menos muitos anos depois, fez as pazes com tudo o que suas conversas omitiram e, ao que parece, com a dor associada ao indizível e ao não dito. “Perguntei a especialistas”, ela reflete. “As respostas deles foram ponderadas e quase sempre as mesmas: não sei do que sua mãe se lembrava. Gosto desses especialistas porque parecem decentes e porque sinto que conheço uma frase verdadeira quando a ouço agora. Eles não sabem o que minha mãe lembrava. Também não sei do que minha mãe se lembrava.

Strout articula para seus leitores - embora muitas vezes de forma circunspecta, talvez a única maneira - o nó górdio da família, unindo medo e miséria, consolo e amor. Lucy Barton, embora ainda seja uma jovem em sua cama de hospital, já está longe dos silêncios difíceis da zona rural de Amgash; mas na sua doença incerta nada a pode consolar como a presença da mãe — “Era o som da voz da minha mãe que eu mais queria; o que ela disse não importava. Num momento de franqueza crucial, Lucy explica: “Sinto que as pessoas podem não entender que minha mãe nunca poderia dizer as palavras eu te amo. Sinto que as pessoas podem não entender: estava tudo bem.”

Intercaladas com as memórias de Lucy desses preciosos cinco dias estão sugestões de seu casamento e seu fracasso final, juntamente com retratos de seu querido médico e de seus amigos e mentores da época - em particular um vizinho chamado Jeremy, que morre de AIDS, e um escritor e professora chamada Sarah Payne. Estas são as pessoas que vêem Lucy como uma artista, dando-lhe um novo sentimento de pertencimento e, no caso de Sarah, exortando-a a olhar com firmeza para uma história. “Se você estiver protegendo alguém enquanto escreve este artigo”, Sarah diz a ela, “lembre-se disto: você não está fazendo certo”.

Quer Strout já tenha tido uma guia literária como Sarah Payne (uma guia imperfeita, defeituosa como são todos esses personagens lindamente humanos demais) ou se ela mesma já foi uma, sua ficção certamente representa a feroz clareza de visão que Payne exige: Não há um centelha de sentimentalismo neste romance requintado. Em vez disso, em suas palavras cuidadosas e silêncios vibrantes, “My Name Is Lucy Barton” nos oferece uma rara riqueza de emoções, desde o sofrimento mais sombrio até – “Eu estava tão feliz. Oh, eu estava feliz” – simples alegria.

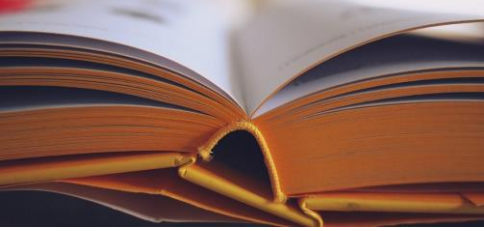


O silêncio que se revela em *O Meu Nome é Lucy Barton*, de Elizabeth Strout

A ideia de que a arte imita a vida está no imaginário de muitos leitores que recorrem à literatura. Há também aqueles que esperam que as obras de ficção sejam sempre coerentes, com todos os mistérios solucionados e as lacunas preenchidas, ignorando que em nossas vidas pode haver questões mal resolvidas e muito espaço para imprevistos e o contraditório. Os que buscam respostas para todas as perguntas certamente irão se frustrar com a leitura de *Meu Nome é Lucy Barton* da escritora norte-americana e vencedora do Prêmio Pulitzer Elizabeth Strout.

A ficção de menos de duzentas páginas na edição da Companhia das Letras, com tradução de Sara Grünhagen, é narrada pela personagem que dá título à obra e se passa durante os cinco dias em que Lucy recebeu a visita de sua mãe que ela não via há anos, enquanto estava internada no hospital por nove semanas, se recuperando de complicações em decorrência de uma cirurgia de extração do apêndice. A trama gira em torno do relacionamento de mãe e filha, repleto de afeto e conflito, em um exercício de memória de Lucy, que se tornou uma escritora de sucesso em Nova York.

As conversas entre Lucy e a mãe parecem banais. As duas focam sobre as enfermeiras e compartilham histórias de meninas e mulheres que Lucy conheceu na juventude, quando ainda morava numa pequena cidade rural de Amgash, em Illinois. Mas essas narrativas escondem os traumas que as personagens não conseguem discutir abertamente. Elas falam de casamentos fracassados de terceiros, mas a mãe de Lucy jamais expõe seu relacionamento com o marido, um veterano da Segunda Guerra Mundial que era frequentemente despedido por brigas com o patrão. “*Esta não é a história do meu casamento*”, diz Lucy a certa altura, porém o leitor tem acesso à dinâmica do casamento com William, que a visitou no hospital poucas vezes, enquanto, por meio de suas lembranças, ela explora o terreno das relações familiares para a feitura do seu romance.



A prosa de Strout é de uma franqueza brutal, com descrições comoventes, mas nunca melodramáticas, da infância de Lucy, marcada pela violência e pela pobreza. *“A solidão era o primeiro gosto que eu tinha sentido na vida, e ela estava sempre ali, escondida nas fendas da minha boca, me fazendo lembrar”*. *Meu Nome é Lucy Barton* trata, sobretudo, da solidão da personagem principal que, não encontrando espaço para vocalizar os traumas do passado devido ao silêncio das pessoas à sua volta, vê na escrita uma forma de expressão e reflexão.

“Mas os livros me traziam coisas. Essa é a minha questão. Eles faziam eu me sentir menos sozinha. E eu pensava: vou escrever e as pessoas não vão se sentir tão sozinhas!”

Ao longo da narrativa, o leitor irá se deparar com frases como “não sei” ou “não, eu não me lembro disso”, que irão interromper conversas entre mãe e filha e deixar questões em suspenso. Mas o que pode parecer um defeito na obra de Strout é, na verdade, seu trunfo ao retratar com realismo a complicada relação de uma filha que anseia tanto pelo afeto da mãe e uma mãe que ama sua filha, ainda que tenha dificuldades em oferecer o que Lucy tanto deseja. A palavra de outra personagem traduz o cerne de *Meu Nome é Lucy Barton*: *“Essa é uma história de amor [...] É a história de uma mãe que ama a filha. De forma imperfeita. Porque todos nós amamos de forma imperfeita”*.

Crítica de *My Name Is Lucy Barton*, de Elizabeth Strout – narrativa poderosa

Uma exploração do amor entre mãe e filha é ao mesmo tempo comovente e sábia

[Hannah Beckerman](#) Terça-feira, 2 de fevereiro de 2016 THE GUARDIAN



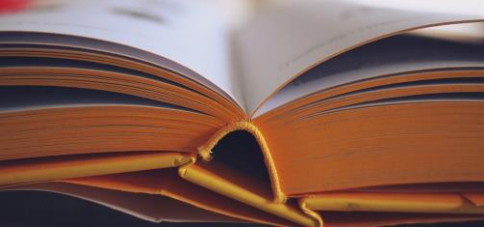
Aqui está um momento em *Meu nome é Lucy Barton* em que a protagonista, lutando para encontrar sua voz em um curso de redação criativa, é aconselhada: “Você terá apenas uma história... Você escreverá sua história de muitas maneiras. Nunca se preocupe com a história. Você terá apenas um.”

No romance profundamente comovente de Elizabeth Strout, a heroína homônima esforça-se por dar sentido à sua história, apesar dos caprichos da memória, do poder da negação colectiva e da capacidade magistral daqueles que lhe são mais próximos de encobrir as suas necessidades emocionais em mal-entendidos e repressão.

A falta de sentimentalismo de Strout cria uma imagem de uma infância mergulhada em privações culturais e emocionais

O romance – narrado pelo protagonista do ponto de vista do futuro, tanto com o benefício da retrospectiva quanto com a falta de confiabilidade da memória – se passa ao longo de cinco noites em meados da década de 1980. Lucy Barton está internada há três semanas com uma doença não diagnosticada após ter seu apêndice removido. Ela está separada do marido e das duas filhas, de cinco e seis anos, de quem sente muita falta. Inesperadamente, sua mãe, de quem ela está afastada há anos, chega ao seu lado. Lucy é agora uma escritora de sucesso, mas a presença da sua mãe reacende memórias da sua infância – de pobreza, abuso e exclusão social: “Éramos estranhos, a nossa família, mesmo naquela pequena cidade rural de Amgash, Illinois.”

As descrições dos anos de formação de Lucy são viscerais e comoventes. A falta de sentimentalismo de Strout cria uma imagem poderosa de uma infância mergulhada não apenas em



dificuldades financeiras, mas em privação cultural e emocional: a de Lucy é uma infância desprovida de livros, revistas, TV, vizinhos. A sensação de isolamento é palpável e Strout cria um retrato trágico da solidão de uma vida inteira: “A solidão foi o primeiro sabor que experimentei na minha vida e sempre esteve lá, escondida nas fendas da minha boca, lembrando-me”. É esta solidão, Lucy confia ao leitor, que a levou a tornar-se escritora: “Os livros fizeram-me sentir menos sozinha... Pensei: vou escrever e as pessoas não se sentirão tão sozinhas!”

Você se pergunta se a condição médica de Lucy, não diagnosticada ao longo do romance, pode ser psicossomática; em outro cenário, ela poderia ser o tema perfeito para um estudo de caso freudiano sobre a histeria. A sua doença não só lhe proporciona nove semanas de visitas diárias de um gentil médico judeu “por quem eu sentia um profundo apego”, como também faz com que a sua mãe se apresse para a sua cabeceira, com a possibilidade não só de reconciliação, mas de cura: “A sua estar ali, usando meu apelido, que eu não ouvia há séculos, me fez sentir aquecido e cheio de líquido, como se toda a minha tensão tivesse sido uma coisa sólida e agora não fosse.” Com a mãe em vigília, Lucy se alivia da insônia que a atormentava no hospital: “Naquela noite dormi sem acordar e de manhã minha mãe estava sentada onde estivera no dia anterior”.

Lucy pode estar esperando por um reencontro emocionante, mas sua mãe embarca em uma série de anedotas sobre pessoas que um dia conheceram – amigos, parentes, conhecidos – cujos casamentos fracassados e colapsos emocionais são contados como contos morais de advertência. Strout transmite imensa pungência no consolo que Lucy consegue tirar dessas interações: “Fiquei tão feliz. Ah, fiquei feliz falando com minha mãe dessa maneira!”

São os silêncios, as elipses nas conversas que articulam as verdades emocionais dos relacionamentos. A mãe de Lucy é incapaz de dizer à filha que a ama, exceto “quando seus olhos estão fechados” e há uma tragédia silenciosamente devastadora sobre a maneira como Lucy se esforça para fazer as pazes com isso: “Sinto que as pessoas podem não entender que minha mãe nunca poderia diga as palavras eu te amo... Estava tudo bem. E, no entanto, este é um romance sobre o amor: sobre o amor complicado e complexo entre mãe e filha.

My Name Is Lucy Barton confirma Strout como um poderoso contador de histórias imerso nas nuances das relações humanas, tecendo tapeçarias familiares com compaixão, sabedoria e perspicácia. Se ela ainda não tivesse ganhado [o Pulitzer por Olive Kitteridge](#), este novo romance certamente seria um candidato.

Explorando o trauma familiar em “My Name Is Lucy Barton” - Teatro

Laura Linney traz sensibilidade e sutileza a uma adaptação individual do romance feroz de Elizabeth Strout.

Por [Alexandra Schwartz](#) 20 de janeiro de 2020 NEW YORKER



Laura Linney irradia calor e lucidez nesta produção individual. Ilustração de Chloe Cushman

Sobre o tema da sua vocação, [Philip Roth](#) gostava de citar [Czeslaw Milosz](#): “Quando um escritor nasce em uma família, essa família está acabada.” É um grande aforismo, enérgico e arrogante, tão enfático quanto um tiro. Escrever é declarar uma lealdade mais profunda que o sangue, fazer um compromisso consigo mesmo e com sua expressão; escrever bem é dizer a verdade sobre o que você viu, começando por onde – e quem – você vem. Pelo menos foi isso que Milosz e Roth sentiram, e eles fazem o egoísmo que está no cerne da vida de um escritor soar como a libertação gloriosa que é. Mas também há uma exposição mais arriscada em jogo. O escritor que revela os segredos dos outros também deve revelar os seus próprios, permanecendo vulnerável diante das pessoas que pretendem conhecê-la melhor. Quando um escritor nasce numa família, a família está acabada, não apenas porque a criança é obrigada a dizer a verdade sobre os seus pais, mas porque deve dizer a verdade sobre si mesma.

Romance de Elizabeth Strout “[Meu nome é Lucy Barton](#)” É a história de uma escritora que avalia o legado de uma vida familiar marcada por cicatrizes e lentamente aceita os custos e as

recompensas de sua arte. Quando Lucy tem vinte e poucos anos e é recém-casada, ela se muda com o marido para Nova York, onde moram no West Village. Lucy é de Amgash, Illinois, mais uma alfinetada no mapa do que uma cidade propriamente dita, e cresceu pobre, dividindo um único quarto com o irmão, a irmã e os pais, uma costureira e um reparador de máquinas agrícolas; não havia aquecimento, nem banheiro, e nunca havia comida suficiente. Lucy tirou boas notas e fugiu para Chicago com uma bolsa de estudos. E ela começou a escrever histórias. Dois foram publicados, mas ela tem vergonha de dizê-lo. Um vizinho se interessa por ela e, ao saber o que ela faz, a aconselha a ser implacável. Lucy é pega de surpresa. “Não pensei que fosse ou pudesse ser implacável”, ela nos conta. Como ela aprende a se tornar assim é o tema deste livro tranquilo, mas surpreendentemente feroz.

“My Name Is Lucy Barton” foi publicado em 2016 e rapidamente alcançou o topo da lista de mais vendidos *do Times*, superando “[The Girl on the Train](#)”, um thriller sobre uma mulher alcoólatra desprezada, e “[All the Light We Não consigo ver](#)”, uma história emocionante sobre um cego. Evidentemente, as pessoas também queriam ler sobre um tipo de mulher mais familiar, um tipo quase reconhecível demais para merecer atenção sustentada – isto é, aquela que sofre de dúvidas, mas mantém esperança de clareza, que se aplica de maneira imperfeita, mas insistentemente, à tarefa de viver. .

Agora eles também podem vê-la na forma de Laura Linney, que estrela uma adaptação individual do romance de Strout (dirigida por Richard Eyre, no Manhattan Theatre Club de Samuel J. Friedman). O cenário, desenhado por Bob Crowley, é minimalista. Uma única cama de hospital e uma poltrona utilitária e indefinida ocupam o palco. Atrás dos móveis há três telas aninhadas, nas quais são projetados alternadamente o Edifício Chrysler – brilhando levemente durante o dia, um farol brilhante no céu escuro da cidade à noite – e os campos de milho e soja da infância de Lucy, explosivamente verdes, como se retocados. com corante alimentar da cor do Hulk. (Luke Halls fez o design do vídeo.) Linney, com calças cônicas e um cardigã longo e solto, sai, recebendo aplausos inevitáveis – o público senta no palco e também na casa – e, como Lucy, fala diretamente conosco. Há alguns anos, ela diz, ela chegou ao hospital com um apêndice rompido e desenvolveu uma doença misteriosa e não diagnosticada que a manteve lá por nove semanas. (Isso foi em meados dos anos oitenta, durante o auge da epidemia de aids; mais tarde, ela nos contará que viu uma porta de hospital marcada com um adesivo amarelo, um sinal de peste lá dentro.) Seu marido raramente vinha vê-la e, quando suas duas filhas pequenas a visitavam, elas eram trazidas por um amigo da família. O único contato regular de Lucy era com um médico gentil, que parecia ter um sentimento paternal com ela, visitando-a diariamente, além do dever normal.

Então, um dia, ela acordou e encontrou a mãe sentada na cadeira ao lado da cama. Fazia anos que Lucy não a via; ela nunca tinha vindo para Nova York antes. A mãe de Lucy – não sabemos o nome dela – é uma presença ambígua, em parte conforto, em parte ameaça. Ela chama Lucy pelo apelido de infância, Wizzle; Linney a distingue com uma voz rouca e esfumaçada, cujos “a”s achatados e “r”s lixados supostamente sinalizam o norte de Illinois. (O ouvido limitado desta nova-iorquina a teria considerado uma bostoniana.) Ela é reservada e orgulhosa do meio-oeste, mas, quando Lucy pede histórias de casa, sua mãe atende, contando histórias de Amgash e seu povo, que ela tempera com humor amargo e uma pitada de Schadenfreude. Há Kathie Nicely, por exemplo, uma mulher rica cujos vestidos a mãe de Lucy costurou, que acaba divorciada pelo marido, abandonada pelo amante, e desprezada pelos filhos, e Mississipi Mary, cujo destino, ao descobrir a infidelidade do marido, é igualmente sombrio. O que a mãe de Lucy não gosta de falar é sobre os Bartons. Como o pai de Lucy, que voltou da Segunda Guerra Mundial com transtorno de estresse pós-traumático, entrou em pânico incontrolável e humilhou brutalmente o irmão de Lucy. Como a própria mãe de Lucy batia nas crianças. Como Lucy, quando era muito jovem,

ficou trancada na caminhonete da família enquanto seus pais iam trabalhar, uma provação que Lucy não consegue resolver com a mãe e, em vez disso, nos descreve: entrou em pânico incontrolável e humilhou brutalmente o irmão de Lucy. Como a própria mãe de Lucy batia nas crianças. Como Lucy, quando era muito jovem, ficou trancada na caminhonete da família enquanto seus pais iam trabalhar, uma provação que Lucy não consegue resolver com a mãe e, em vez disso, nos descreve: entrou em pânico incontrolável e humilhou brutalmente o irmão de Lucy. Como a própria mãe de Lucy batia nas crianças. Como Lucy, quando era muito jovem, ficou trancada na caminhonete da família enquanto seus pais iam trabalhar, uma provação que Lucy não consegue resolver com a mãe e, em vez disso, nos descreve:

Chorei até quase não conseguir respirar. De vez em quando vejo uma criança chorando com o mais profundo desespero e acho que é um dos sons mais verdadeiros que uma criança pode emitir. Saí do vagão do metrô em que estava para não ter que ouvir uma criança chorando daquele jeito.

A linguagem de Strout, habilmente adaptada para o palco por Rona Munro, é simples como uma panela enrolada ou uma cadeira Shaker, uma construção sólida e simples cuja elegância reside na sua unidade polida, e Linney, irradiando calor e lucidez, é apenas o ator certo para trazê-lo à vida. Percorrendo trechos densos de roteiro, sua performance de noventa minutos é uma façanha de bravura sutil. Não é fácil brincar de mãe em um momento e de filho em outro. (Pergunte a Norman Bates.) Como no romance de Strout, existe aqui a possibilidade de Lucy ter fantasiado a visita da mãe, seja na névoa de sua doença ou nas imaginações intencionais mais produtivas de um escritor de ficção; seja qual for o caso, à medida que Lucy se aprofunda em sua história, a mulher mais velha começa a desaparecer e Linney nos permite ver através da timidez de Lucy até seu coração aberto, que a sustentou durante uma vida de solidão e um casamento sóbrio e distante. A pele de Linney parece quase brilhar e lágrimas escorrem por seu rosto, que ela enxuga com uma autoconfiança prática e sorridente.

A Penguin Random House Audio, produtora da peça, está lançando um audiolivro da produção, e essa, de fato, pode ser a melhor forma de vivenciá-la, pois, apesar da sensibilidade e delicadeza de Linney, falta algo no palco. Há uma qualidade calmante na forma narrativa da peça, que, na escuridão aconchegante, pode parecer uma história para dormir (não pude deixar de notar algumas cabeças caídas), e há muitas dessas anedotas de Amgash, com seu desfile de pequenos personagens, que a princípio fornecem uma abertura para o drama dos Bartons, mas eventualmente nos distraem dele. O problema é parcialmente estrutural: Eyre e Munro apoiaram-se fortemente na infância de Lucy, praticamente apagando o fio do romance que envolvia orientação literária e certos detalhes, como a preocupação duradoura de Lucy com os nazistas (seu pai, estacionado na Alemanha, matou dois meninos locais à queima-roupa; o pai alemão de seu marido era prisioneiro de guerra; e, com uma gratuidade quase apologética, Lucy observa que seu médico angélico é judeu), não conseguem ser coerentes. Mas também há uma mundanidade textural. No palco restrito de Crowley, a ação física consiste principalmente em Linney andando da cadeira para a cama e vice-versa, e as elisões astutas de Strout são registradas com muita frequência como espaços em branco. “Toda a vida me surpreende”, diz Lucy, e o rosto de Linney se ilumina lindamente quando ela diz isso. É isso que esta produção poderia usar: mais vida – uma fuga do claustro anti-séptico do quarto do hospital para o mundo excitante lá fora.

Publicado na edição impressa da edição [de 27 de janeiro de 2020](#), com o título “Home Truths”.



MIL FOLHAS - “O meu nome é Lucy Barton” | Elizabeth Strout

Por Pedro Miguel Silva · Em 21/11/2016

“Nós éramos aves raras, a nossa família.”

Diz-se na gíria popular que “mãe é mãe”, mas a verdade é que, muitas vezes, a relação entre mãe e filha pode ser algo semelhante às relações entre Estados Unidos da América e União Soviética durante o período da guerra fria. Em “O meu nome é Lucy Barton” ([Alfaguara](#), 2016), Elizabeth Strout observa à lupa uma não-relação entre mãe e filha, mostrando o imenso fosso que se abre perante pessoas que deveriam estar, de alguma forma, próximas.

Lucy Barton está numa cama de hospital, a recuperar de uma cirurgia ao apêndice que correu mal. Os dias correm vazios, as visitas do marido e das filhas são parcas – a relação amorosa está por arames -, mas tudo se transforma quando a mãe, que Lucy não vê há muitos anos, surge para se sentar à cabeceira da cama. Cinco anos em que não existiu sequer uma visita, fosse para Lucy visitar a casa onde cresceu ou a mãe vir a Nova Iorque conhecer as netas.

Durante os cinco dias em que a mãe passa à sua cabeceira, começam por falar de coisas tão banais quanto os vizinhos da infância e os destinos de cada um, mas aos poucos a tinta das paredes familiares vai-se descascando, revelando-nos a vida de Lucy enquanto criança e adolescente: uma infância de pobreza e provação, o ser olhada na escola como vinda de uma família que cheirava mal, os jantares de pão e melaço, as tarefas da mãe, uma casa sem televisão, jornais, livros ou revistas. Uma vida que terminou quando, depois de fazer da biblioteca local a sua casa, ingressou na Universidade com uma bolsa integral, descobrindo na literatura uma tábua de auto-salvação:

“Mas os livros trouxeram-me coisas. É aqui que quero chegar. Fizeram-me sentir menos só. E eu pensei: vou escrever e as pessoas não vão sentir-se tão sós.”

A escrita navega magicamente entre um diário de uma adolescente e as profundezas do mais íntimo da alma humana, num livro essencial que nos mostra o lado mais cruel do amor. E que é, essencialmente, um retrato da literatura enquanto salvação e ferida, um acto de se ser implacável, uma forma de superação individual. Um livro que Sarah Payne, a personagem escritora que dará

um curso frequentado por Lucy, irá descrever de forma arguta a meio do livro, apontando com isso a essência da escrita:



“As pessoas vão criticá-la por combinar a pobreza e os maus-tratos. Que expressão tão estúpida, «maus-tratos», que expressão estúpida e convencional, mas as pessoas dirão que há pobreza sem maus-tratos, e você nunca vai responder a nada. Nunca defenda a sua obra. Esta é uma história sobre amor, você sabe disso. Esta é a história de um homem que viveu todos os dias da sua vida atormentado por coisas que fez na guerra. Esta é a história de uma mulher que ficou com ele, porque era o que a maioria das mulheres fazia naquela geração, e que entra no quarto de hospital da filha e fala compulsivamente sobre os casamentos malogrados de toda a gente e que não sabe, não tem a menor ideia, do que está a fazer. Esta é a história de uma mãe que ama a sua filha. De modo imperfeito. Porque todos nós amamos de forma imperfeita. Mas se der por si a proteger seja quem for neste trabalho, lembre-se: não está a fazê-lo bem.”